



## Tendo água, a gente tem tudo: a transformação de Erica e Emanuel no Semiárido

No assentamento Batalha, no município de Trairi-CE, a paisagem vem ganhando cores, sabores e um novo frescor. Ali vivem os/as agricultores/as Erica Coelho, 27 anos e Emanuel Ferreira, 33 anos, conhecido na região como Jardel. Desde 2015 na comunidade, o casal transformou dois hectares de terra em um modelo de convivência com o Semiárido e respeito à natureza.

Quando chegaram a área, a realidade era desafiadora. "Era só mata quando a gente chegou, fomos plantando. Só havia a casa, uns cajueiros, milho e feijão", lembra o casal. Hoje, quem visita o quintal da casa encontra uma diversidade que alimenta a família e enche os olhos: mandioca, cajueiros, hortaliças como a pimenta e a cebolinha, mamão e criação de galinhas.

A grande virada na produção e na qualidade de vida da família passou pelo acesso democrático à água, de 16 mil litros, que armazena água para beber. Embora o quintal já contasse com uma cisterna de primeira água quando chegaram, a rotina ainda era severa. "Antes era pior de água. A gente passava dois, três dias sem água e tinha que tirar da cisterna pequena", conta Jardel.

A chegada da tecnologia social cisterna calçadão, através do Programa P1+2 (Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), trouxe a segurança que faltava.

Com a água armazenada da chuva cisterna maior, de 52 mil litros, o casal conseguiu impulsionar a horta, produzir mudas e estruturar o seu Sistema Agroflorestal (SAF). Para Emanuel, a lição é simples: “tendo água a gente tem tudo! Água é vida, com ela a gente pode fazer tudo. Sem água a gente não tem nada. Com ela a gente toma, dá para um animal, coloca numa árvore”, afirma.

A transformação vai além do que se vê no quintal, está na forma de pensar. Emanuel tornou-se um multiplicador em Agroecologia, um papel que assumiu após participar das formações e intercâmbios do Floresta de Alimentos, projeto executado pelo CETRA que propõe outras formas de viver no campo, com base nos costumes e cultura das próprias famílias, aldeias e comunidades rurais.

"Aprendi muita coisa. Antigamente eu fazia muita queimada na minha área, não podia ver uma folha que queimava. Antes usava adubo, mas agora só uso esterco de gado e de galinha", orgulha-se o agricultor. A mudança ecoou na vizinhança graças à postura firme do casal. "Ninguém mais queima ao redor de casa. Eu falo para eles para evitar a queimada, evitar usar veneno", reforça.



### **Sistema Agroflorestal da família**

Em 2025, a guinada agroecológica ganhou forma definitiva com a implantação do SAF. Em uma área de 85 metros de comprimento por 25 de largura, foram plantadas mais de 30 mudas frutíferas. Os planos de Emanuel para os próximos cinco anos são claros:

"Quero poder tirar uma fruta, goiaba, acerola... O tempo também vai ficar melhor. Antes era só cajueiro e era muito quente. Daqui a uns cinco anos, o tempo vai estar mais fresco, mais agradável", planeja o agricultor.

Para Jardel, as viagens de intercâmbio abriram novos horizontes. "O que eu mais gostei de ver foi o jeito das pessoas trabalharem. Ninguém trabalha do jeito do outro, sempre tem algo para aprender. Cada intercâmbio que a gente vai é um conhecimento a mais", explica.

Essa vivência mudou a forma como eles se veem. Mesmo em um contexto em que o campo muitas vezes é desvalorizado, o casal hoje fala de sua história e identidade com orgulho reconhecendo a importância de suas raízes e da relação construída com o território onde vivem.

"Muitas pessoas julgam a agricultura como uma das piores profissões, né? Mas para a gente que vive dentro, é uma experiência muito boa. Só em a pessoa poder comer uma coisa natural de onde a gente faz... porque o que vem de fora, muita coisa vem adulterada" relata Érica, com orgulho.



Os frutos do projeto também trouxeram organização prática para o lar. O galinheiro construído através das ações do P1+2 acabou com uma dor de cabeça antiga. "Antigamente a gente criava as galinhas soltas, elas entravam para dentro de casa, quebravam as coisas, faziam a maior sujeira. Agora está tudo cercado, melhorou demais", relata Emanuel. Na rotina do manejo, a liderança é das crianças: o filho Pedro Lucas, 5 anos, é quem cuida da alimentação das aves e garante que "não se perca um ovo", dividindo o espaço com os irmãos João Pedro, 10 anos, e Levi, 4 anos.



Com os olhos voltados para o futuro, o casal já planeja os próximos passos: ampliar a horta, aumentar o criatório de galinhas e a produção de alimentos. Potencial, água e disposição para trabalhar com a natureza eles já provaram que têm de sobra.

Hoje, quando a tarde cai, o destino do casal é o mesmo. "O que eu mais gosto do meu quintal é estar dentro da horta. Sempre estou ali dentro de tardezinha, é onde me sinto melhor", confessa Emanuel. Erica reforça a companhia do marido e completa sorrindo: "Gosto de estar na roça. À tarde, estou sempre onde ele (Emanuel) está".

